



Ufac duplica área construída

Página 3

DISSERTAÇÃO



Estudo avalia Modelo Digital de Exploração

Página 12



Os embalos da Amostra de Dança

Página 8



Novo tempo no Colégio de Aplicação

Página 9

ENTREVISTA



Memórias de Raimundo Cabeludo

Páginas 6 e 7



Pesquisa analisa as vozes sociais dos jornais

Página 11

Notas sobre o Mercosul



* MANOEL CORACY
SABOIA DIAS

• A Declaração de Iguazu, em 1985, assinada pelos Presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín, deu origem ao Mercosul, que estabeleceu a integração econômica entre Brasil e Argentina. Outro acordo multilateral, Corpus-Itaipu, em outubro de 1979, pôs fim à disputa do projeto brasileiro-paraguaio de construção da hidroelétrica de Itaipu, que melhoraram suas relações. O Tratado de Assunção, de 1991, criou o Mercosul, formado pelo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, tendo a Bolívia e o Chile como sócios, unificou as aduanas e permitiu a

aplicação da tarifa externa comum.

A literatura reconhece que um processo de integração pode assumir vários formatos nas áreas de tarifas preferenciais: livre comércio; união aduaneira; mercado comum; e união monetária ou econômica, na qual os Estados-Parte decidem unir-se, mas com a criação da moeda única, política externa e defesa comum, criando praticamente um novo Estado.

O Mercosul, um exemplo de integração sub-regional, se encontra no estágio de união aduaneira, daí a necessidade de observar a influência dos Estados-Parte no processo de internalização e vigência de suas normas.

O Protocolo de Ouro Preto estabelece que as Decisões, Resoluções e Diretivas são obrigatórias para os Estados-Parte

e devem ser internalizadas em cada um deles, conforme seus ordenamentos jurídicos. Este Protocolo dispõe em seu Art. 42 que as normas emanadas dos órgãos do Mercosul, previstos no Art. 2, teriam caráter obrigatório e se necessárias incorporadas aos ordenamentos jurídicos nacionais mediante os procedimentos previstos.

Por conseguinte, o ordenamento jurídico do Mercosul se baseia nos tratados internacionais, começando pelo de Assunção, ao qual devemos adicionar distintos protocolos, sendo o mais importante o de Ouro Preto, que é a coluna vertebral do acordo principal uma vez que estabelece que os Estados-Parte adotem medidas necessárias em seus territórios para cumprir as normas do Mercosul. Este compromisso, entretanto, não se cumpriu. Medidas dita-

das pelos órgãos do Mercosul sobre direito interno ainda causam divergências constitucionais nos Estados-Parte como o Brasil e o Uruguai, toda vez que se quer avançar em matéria de supranacionalidade.

Portanto, o processo de internalização do ordenamento jurídico do Mercosul pelos Estados-Parte necessita da boa vontade estatal (boa vontade e firme determinação política dos governos e dos poderes legislativos) que opere como força centrípeta e corrobore assim os ideais propostos pelos signatários do Tratado de Assunção.

* Professor Adjunto II do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre e Líder do Núcleo de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais (Ufac/CNPq).

Resgatando valores em tempos de mudança



* MARGARETE
PRADO LOPES

• Venho pensando que o ano de 2008 vai ser um desafio grande para todos nós na Ufac, tempos de mudanças grandes com a instalação dos Centros e extinção dos Departamentos, tempos de implantação do Reuni, Plano de Expansão Universitária, vestibular no meio do ano e mesmo a expansão geográfica da própria Ufac, com a construção de novos prédios e novos blocos de aula, com as necessidades trazidas pela expansão já referida e pela criação dos Centros. Mais que isso, mudanças sopram nos horizontes com as eleições para a Reitoria e as rivalidades e picuinhas que acontecem todas as vezes.

Tudo isto me faz lembrar um texto do professor Naylor Marques, contando a história de um palhaço com o poder de divertir, sem medida, todas as pessoas da platéia e o riso era tão bom, tão profundo e natural que se tornou terapêutico. Todos os que padeciam de tristezas agudas ou crônicas eram indicados pelo médi-

co do lugar para que assistissem ao tal artista que possuía o dom de eliminar angústias. Um dia, porém, um morador desconhecido, tomado de profunda depressão, procurou o doutor. O médico então, sem relutar, indicou o circo como o lugar de cura de todos os males daquela natureza. O homem nada disse, levantou-se, caminhou em direção à porta, e quando já estava saindo, virou-se, olhou o médico nos olhos, e sentenciou: "Não posso procurar o circo... aí está o meu problema: eu sou o palhaço".

O professor Naylor prossegue dizendo que se sente como este palhaço, alguém que trabalha para construir os outros e não vê resultado muito claro daquilo que faz. Ele afirma isto porque lhe parece que quando os alunos se formam e entram no mercado de trabalho, a única coisa que importa é quanto cada um vai lucrar, não importando quem vai pagar essa conta e nem se alguém vai ser lesado nesse processo. Aprenderam rindo, mas não querem passar o riso à frente e nem se comovem com o choro alheio. Os que passam os outros para trás são heróis e os que protestam são otários, idiotas ou excluídos, é uma total inversão dos valores. É triste ver que alguns professores

partilham das mesmas idéias, e as defendem em sala de aula e na sala de professores e se vangloriam disso. O pior é quando a gente se dá conta de que no Brasil é assim mesmo, o que vale é a lei de Gérson: - "O importante é levar vantagem em tudo". A pergunta é: - Sem trabalho produtivo é possível, usando a lógica, que todo mundo ganhe? Sem o trabalho honesto, para alguém ganhar é óbvio que alguém deverá perder.

É tão triste e feio verificar que a lógica que rege o mundo hoje é guardar o troco a mais, recebido no caixa do supermercado; é enrolar a aula fingindo que a matéria está sendo dada; é fingir que a apostila está aberta na matéria dada, mas usá-la como apoio enquanto se joga forca, batalha naval ou jogo da velha; é cortar a fila da cantina ou da entrada no banco; é dizer que leu o livro, quando ficou só no resumo ou na conversa com quem leu; é marcar só o gabarito na prova em branco, copiado do vizinho, alegando que fez as contas de cabeça; é bater num carro parado e sair rápido antes que alguém perceba.

Essa é a lógica da perpetuação da burrice. Quando um país perde, todo mundo perde.

Naylor Marques afirma que não adianta pensar que logo bateremos no fundo do poço, porque o poço não tem fundo. Se os desonestos brasileiros voassem, nós nunca veríamos o sol. A luz é, e sempre foi, a metáfora da inteligência. No entanto, de nada adianta o conhecimento sem o caráter. Felizmente há os descontentes, os lutadores, os sonhadores, os que querem manter o sol aceso, brilhando e no alto. Que nas escolas seja tão importante ensinar Literatura, Matemática ou História quanto decência, senso de coletividade, coleguismo e respeito por si e pelos outros.

Acho que o mundo (e, sobretudo, o Brasil) precisa mais de gente honesta do que dos pseudos literatos, historiadores ou matemáticos. De professores, espera-se mais que discurso de bons modos, espera-se que mereçam o salário que ganham (pouco ou muito) ministrando a honestidade. A honestidade não precisa de propaganda, nem de homenagens, precisa de exemplos.

Que estas idéias defendidas pelo professor Marques possam nortear nossas reflexões e nossos corações em 2008, ano de implantação do Reuni e de eleições para Reitoria.

Intervenção profissional em Educação Física



* LUCILÉIA BARRETO
QUEIROZ

A expressão "Educação Física" tem sido historicamente interpretada como meio de educação das pessoas, cujo nome teve origem nessa interpretação. Outra expressão que tem sido usada através dos tempos para designar os movimentos humanos é o termo "atividades físicas", que o Manifesto Mundial de Educação Física (FIEP 1970) reconhece como sendo um dos meios específicos da Educação Física.

De uma forma ou de outra, cabe ao profissional de Educação Física a intervenção da sua prática.

A Intervenção Profissional é a aplicação dos conhecimentos científicos, pedagógicos e técnicos, sobre a atividade física, com responsabilidade ética.

A intervenção dos profissionais de Educação Física é dirigida a indivíduos ou grupos de diferentes faixas etárias, portadores de diferentes condições corporais com necessidades de atendimentos especiais, podendo desenvolver-se de forma individualizada ou em grupo.

O profissional de Educação Física utiliza diagnóstico, define procedimentos,

ministra, orienta, desenvolve, identifica, planeja, coordena, supervisiona, leciona, assessora, organiza, dirige e avalia as atividades físicas.

Sua prática pode se dar de uma forma muito abrangente, podendo considerar como campo de atuação os seguintes espaços:

Escolas atuando como docente na educação básica;

Clubes e associações desportivas como coordenador, gestor ou docente, fisiologista do esporte, preparador físico ou técnico nas diversas modalidades;

Academias de ginástica como administrador, avaliador da aptidão física ou professor de ginástica, condicionamento físico, hidroginástica, musculação, atividades esportivas;

Clínicas, atuando em programas de exercícios para portadores de necessidades especiais;

Consultórios, avaliando e prescrevendo programas de exercícios físicos para indivíduos aparentemente saudáveis e portadores de doenças crônicas degenerativas;

Empresas públicas e privadas, gerenciando e desenvolvendo programas labo-

rais de exercícios físicos;

Hotéis e spas, administrando e desenvolvendo atividades de lazer e condicionamento físico;

Centros sociais urbanos com atividades esportivas e de lazer;

Órgãos governamentais com políticas públicas de lazer e promoção de atividades físicas;

Hospitais especializados com programas de atividade física para saúde mental e para portadores de necessidades especiais;

Postos e centros de saúde com programas de promoção e prevenção da saúde

O profissional de Educação Física, pela natureza e características da profissão que exerce, deve ser devidamente registrado no sistema CONFEF/CREFs - Conselho Federal/Conselhos Regionais de Educação Física e possuir a Cédula de Identidade Profissional, sem o que, estará no exercício ilegal da profissão.

* Professora aposentada da Ufac, mestre em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP), coordenadora do CREF 8 / Acre, coordenadora do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Uninorte.

Reuni em ação na Ufac

Governo Federal quer aumentar o número de vagas e diminuir a evasão nos cursos de graduação

De acordo com um relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), publicado em 2007, sobre indicadores educacionais, escassos 7,8% da população brasileira com mais de 25 anos possui diploma universitário. Número bem inferior aos apresentados, por exemplo, por Argentina (13,6%) e México (20,8%).

Além disso, ainda no que se refere a comparações, enquanto no Brasil somente 30% dos universitários cursam instituições públicas, na Argentina esse número sobe para 56%, contra 96% no México. Traduzindo o percentual brasileiro em números absolutos, significa dizer que apenas 1,3 das 4,5 milhões de matrículas no país são feitas em unidades estatais.

Uma outra aberração detectada pelo relatório da Unesco diz respeito ao fato de que a estrutura universitária estatal brasileira "absorve os recur-



Trinta e seis universidades federais, entre as quais a Universidade Federal do Acre, já aderiram ao Reuni

sos de muitos, via tributação, para bancar a mensalidade de poucos. O custo de um único universitário brasileiro chega a 100% do PIB per capita, quase o dobro do México (57%) e o quádruplo da Rússia (26%).

A grande maioria da popu-

lação brasileira (92,2%), nessa estrutura mantida até o ano passado, pagava a mensalidade da minoria, numa reprodução exata da concentração de patrimônio e renda caracterizadora da sociedade nacional. A quase totalidade da elite econômica

nacional galgou, ao longo do tempo, as vagas nas melhores universidades públicas.

Com a implantação do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), proposto pelo Minis-

tério da Educação (MEC) no fim do ano passado, o Governo Federal do Brasil espera ver corrigidas essas e outras distorções do sistema educacional superior do país nos próximos cinco anos.

Trinta e seis universidades federais, entre as quais a Universidade Federal do Acre (Ufac), já aderiram ao Reuni. Em todas elas, num processo quase que automático, aumentaram o número dos cursos de graduação e, em alguns casos, praticamente dobraram o número de vagas oferecidas, com prevalência para os cursos ministrados no período noturno.

Ao todo, na Ufac, entre dezembro de 2007 e março de 2008, foram criadas 255 novas vagas, sendo 195 para os cursos oferecidos em Rio Branco e 60 para os cursos oferecidos no campus de Cruzeiro do Sul. Além disso, também já por conta das metas previstas no Reuni, dezenas de funcionários e professores foram contratados nesses últimos quatro meses.

Linhas de ação da proposta na Ufac

Entre as cinco grandes linhas de ação devem ser seguidas pela Universidade Federal do Acre (Ufac) para a implementação do Reuni, destaques para a "reor-

denação da gestão acadêmica" e para a "formação docente". Especificamente, cada uma dessas duas linhas prevê, entre outras, as seguintes etapas.

- Mudanças de "departamentos acadêmicos" para "centros", organizados por áreas de conhecimento;
- Redefinição na vinculação e oferta de componentes curriculares de modo a dar suporte às várias trajetórias de formações;
- Criação de cursos com novos desenhos na trajetória da formação;
- Implantação da mobilidade acadêmica;
- Implantação de programas de apoio acadêmico e financeiro aos discentes, com vistas a

- diminuir a evasão e aumentar o número de concludentes;
- Potencializar programas de qualificação, capacitação e atualização de docentes;
- Instalação de Núcleo de Apoio Pedagógico para formação docente em tecnologias e práticas pedagógicas para o ensino;
- Fomento à participação em eventos acadêmicos;
- Manutenção de fóruns permanentes de debates e discussões sobre as novas concepções de formação;
- Incentivo e fomento à pesquisa.

Ufac duplicou área construída nos últimos anos

O reitor Jonas Pereira de Souza Filho, prestes a encerrar o seu segundo mandato frente à Ufac, faz um balanço resumido da instituição, antes e depois do Reuni.

"A Universidade Federal do Acre, apoiada em decisão do seu Conselho Universitário, aderiu em novembro do ano passado ao Programa Reuni, cujas ações já estão em franco andamento. Em 2008, já com cerca de 60% dos recursos disponibilizados, nós começamos a licitação de várias obras de infra-estrutura que viabilizarão as atividades propostas, que se refletirão diretamente no aumento do número de cursos e vagas".

"É interessante frisar que o número de vaga já foi substancialmente aumentado, mesmo que a adesão da Ufac ao Reuni diste somente de seis meses. Todos os cursos de licenciatura já aumentaram as entradas de 40 para 50 vagas. Isso dá, numericamente falando, um incremento de quase 300 novas vagas já criadas e devidamente ocupadas. Isso me alegra, enquanto reitor, porque mostra um crescimento real da universidade no meu mandato".

"Fora isso, também por conta das possibilidades de expansão e fortalecimento da universidade criadas com o Reuni, estamos iniciando um trabalho, através da Pró-Reitoria de Extensão, no sentido de



Lorena Barbosa é empossada no cargo de economista pelo reitor Jonas Filho

detectar carências econômicas dos nossos alunos, para que, através de bolsas eles possam permanecer nas salas de aula, diminuindo o número de evasões e fazendo, consequentemente, com que aumente o número de formados".

"Independentemente do Reuni, porém, é preciso frisar que a nossa administração nunca descuidou de realizar obras de infra-estrutura na Ufac. Naturalmente, por conta da escassez de recursos, em ritmo menor, mas sempre procurando atender as necessidades da instituição. Nos últimos

oito anos, nós fizemos um trabalho de vanguarda que auxiliou demais a universidade no crescimento que ora é presenciado pela sociedade".

"Cruzeiro do Sul é um exemplo disso que eu estou dizendo. Lá, Reuni à parte, nós construímos um Campus Universitário, inaugurado em setembro do ano passado, com a presença do próprio Ministro da Educação, Fernando Haddad, onde dez cursos já estão em pleno funcionamento. Em Rio Branco, para se ter uma idéia, nós simplesmente duplicamos a área construída aqui no campus da capital".



Novos funcionários foram contratados pela Ufac em 2008

2ª Semana Florestal da Ufac

Evento buscou identificar tecnologia para viabilizar a exploração racional dos recursos naturais

MARCELA JANSEN

Entre os dias sete e onze de abril ocorreu na Universidade Federal do Acre (Ufac), a 2ª Semana Florestal, promovida pelo curso de Engenharia Florestal. O evento, que esteve organizado em torno do tema Alternativas Florestais e Desenvolvimento Tecnológico, contou com a presença de autoridades, pesquisadores, acadêmicos e profissionais da área de Ciências Agrárias.

A escolha do tema e da logomarca procurou levar os acadêmicos a pensarem a respeito de duas questões fundamentais para a ciência florestal na Amazônia, de modo geral, e no Acre, de maneira específica: "alternativas produtivas florestais; e a dificuldade de superar o empecilho tecnológico existente no setor florestal".

A 2ª Semana Florestal do Acre, um evento que pretende ser anual e permanente, e que

deverá ocorrer sempre no final do inverno, trouxe para a pauta dos envolvidos com o assunto, em nível local e regional, a discussão acerca da tecnologia que viabilizará os arranjos produtivos a serem potencializados em cada município.

De acordo com o professor Écio Rodrigues, um dos coordenadores do evento, "o principal objetivo da 2ª Semana Florestal do Acre foi buscar identificar gargalos tecnológicos que permitam a exploração racional dos recursos naturais, tendo em vista as dificuldades insuperáveis para que a exploração florestal se realize de maneira econômica, com maior produtividade e, o mais importante, com menor risco ambiental".

"É somente com o conhecimento científico que teremos garantia para incorporação de novas tecnologias que transformarão as florestas acreanas em ilhas de prosperidade econômica", disse Erivan Nascimento, acadêmico de Engenharia Florestal.



Estudantes de Engenharia Florestal da Ufac assistem palestra sobre desenvolvimento sustentável

Palestras/Mini-cursos

PALESTRAS

Seis palestras foram proferidas durante a 2ª Semana Florestal.

. **Método para o uso múltiplo da floresta** - Dr. Francisco José de Barros Cavalcanti (Serviço Florestal Brasileiro - SFB);

. **Plano Estadual de Ciência e Tecnologia** - Fundação de Tecnologia do Estado do Acre (Funtac);

. **Análise e armazenamento de sementes** - Dr. Sidney Alberto do N. Ferreira (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - Inpa);

. **Promoção Sócio-Florestal** - Carlos Ovídeo (Secretário de Floresta do Acre - SEF);

. **Empreendedorismo: atração e diversificação de indústrias florestais** - Carlos Ovídeo (Secretário de Floresta do Acre - SEF);

. **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária** (Embrapa).

MINI-CURSOS

Nove foram os mini-cursos que aconteceram durante a 2ª Semana Florestal.

. **Noções de segurança e técnicas de corte aplicadas em áreas de manejo florestal** - Givânildo Pereira Ortega;

. **Extração de óleos e essências** - Sílvia Basso, Car-

los Graça e Frederico Soares Machado;

. **Introdução ao manejo florestal** - Andréia Oertel;

. **Método para o uso múltiplo da floresta** - Francisco José de Barros Cavalcanti;

. **Análise e armazenamento de sementes** - Sidney Alberto do Nascimento Ferreira;

. **Diretrizes para instalação, medição e avaliação de parcelas permanentes em florestas naturais da Amazônia brasileira** - Luciano Arruda Ribas;

. **GPS** - Miriam Aparecida Bueno;

. **Secagem artificial de madeira** - Keiti Roseani Mendes Pereira;

. **Noções de AutoCAD** - Ary Vieira.

Ufac recebe os novos acadêmicos

MARCELA JANSEN

Os novos acadêmicos da Universidade Federal do Acre (Ufac) foram recebidos pela instituição no dia oito de abril, em solenidade, no Centro de Convivência do campus universitário. Os calouros foram recepcionados com apresentações artísticas e palestras.

Todos os anos a Ufac faz questão de comemorar a chegada dos novos alunos. O evento, conhecido como "Semana do Calouro", é realizado aos novos acadêmicos para que haja logo nos primeiros dias um entrosamento entre calouros e veteranos dos diversos cursos oferecidos pela instituição.

A recepção aos calouros durou três dias (08, 09 e 10 de abril). O primeiro dia contou com o espetáculo teatral



Calouros da Ufac foram recepcionados no Centro de Convivência com apresentações artísticas e palestras

"As Crianças Entendem", encenada pelo Grupo Esperança da Escola Ambiental do Horto Florestal. Houve ainda uma apresentação pessoal da Administração Superior da Ufac (reitor, vice-reitora, pró-reitores) e entidades re-

presentativas (Adufac, Sintest e DCE).

A semana do calouro terminou com o evento cultural "Calouro Humano", que aconteceu no estacionamento do Curso de História, oferecido pelo Diretório Central dos

Estudantes (DCE) e Centros Acadêmicos (CA's).

Novidades - Veteranos e calouros foram surpreendidos no retorno as atividades acadêmicas da Ufac. Quem foi à universidade no primei-

ro dia de aula pôde observar a novidade da nova linha de ônibus, que começou a circular no dia oito de abril com o objetivo de atender a comunidade acadêmica.

O projeto, denominado "Satélite Universidades", integra os eixos da Universidade Federal do Acre (Ufac) e União Educacional do Norte (Uninorte). O percurso da nova linha compreende um circular na área interna da Ufac, seguindo na Via Verde - BR 364, e retornando do encontro com a Estrada do Calafate pelo conjunto Habitar Brasil.

Para executar a nova linha, foram disponibilizados dois ônibus da Empresa São Roque. O detalhe é que enquanto estiver funcionando como projeto piloto, a linha atenderá aos usuários gratuitamente.

Núcleo de Apoio à Inclusão

Nova entidade vai prestar atendimento especial às pessoas portadoras de deficiências

Em curso na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Acre (Ufac) a criação de mais uma unidade em benefício da comunidade universitária. Trata-se do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), sob a coordenação da professora Maria do Socorro Moraes, para atendimento especial às pessoas portadoras de deficiências.

“O NAI constitui uma das grandes possibilidades de realização de importantes objetivos sócio-educacionais, por se propor a suprir a necessidade de adaptações curriculares e de outras ações afins, na instituição, visando atender aos princípios e objetivos da política nacional de inclusão”, explica a professora Maria do Socorro Moraes.

Entre as primeiras ações a ser desenvolvidas pelo Núcleo, já nos próximos dias, destaque para a compra de equipamentos e materiais didáticos específicos para atendimento aos alunos e profissionais com deficiência, e para a promoção de cursos de capacitação profissional de professores e técnicos da Ufac para atuação junto aos alunos deficientes.

Sobre a iniciativa da Ufac em criar esse Núcleo de Apoio à Inclusão, vale a pena conhecer a opinião do pró-reitor João Lima. “Há uma grande expectativa e uma constante procura da comunidade a respeito dos alunos portadores de necessidades especiais. A universidade, dessa forma, não poderia deixar de atender



Professor João Lima, pró-reitor de Extensão e Cultura da Ufac, fala sobre as ações do NAI

as especificidades desse grupo de pessoas”.

E além do que afirma o pró-reitor, a própria Constituição Brasileira traz um dispositivo com esse fim, expresso no Art. 208, Inciso III: “O dever do Estado com a Educação será efetivado

mediante garantia de atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

São parceiros da Ufac na criação, estruturação e funcionamento do NAI as seguintes insti-

tuições: Ministério da Educação (apoio financeiro), Centro de Atendimento ao Deficiente Visual (apoio técnico-pedagógico), Centro Estadual de Educação de Surdos (apoio técnico-pedagógico) e Centro de Apoio aos Surdos (apoio técnico-pedagógico).

Metas do NAI

- Organização e equipamento do NAI;
- Acessibilidade garantida ao aluno com deficiência, através de adaptações físicas e curriculares;
- Sensibilização de profissionais, alunos e toda a comunidade universitária, sobre os direitos das pessoas com deficiência;
- Sinalização de cinco estacionamentos, com o símbolo internacional de acessibilidade;
- Oferecimento de apoio técnico-pedagógico aos professores da instituição;
- Estabelecimento de parcerias técnicas com instituições especializadas de apoio à inclusão.



Professora Maria do Socorro Moraes, coordenadora do NAI

Conexões de Saberes

• Programa “Conexões de Saberes - Diálogos Entre a Universidade e as Comunidades Populares”, desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Acre (Ufac) desde o ano de 2006, com a participação de bolsistas de diversos cursos de graduação, já definiu o seu elenco de atividades para todo o segundo semestre de 2008.

As atividades são as seguintes:

- Desenvolvimento do Projeto Escola Aberta, em parceria com escolas do Estado;
- Inserção dos estudantes bolsistas em pré-vestibulares comunitários;
- Implantação de uma biblioteca comunitária na Baixada do Sol;
- Desenvolvimento do Proje-

to Comunidade na Regional VI; Desenvolvimento de censos com os calouros 2008 e de permanência em sala de aula dos calouros 2007;

• Oferecimento de cursos de formação.

O “Conexões de Saberes” é um programa que busca acolher os estudantes em suas instituições, destinando-lhes bolsas para que protagonizem ações de ensino/pesquisa/extensão junto às comunidades populares e que também estejam inseridos em atividades acadêmicas voltadas para a avaliação e proposição de políticas de acesso e permanência plena nas universidades federais direcionadas aos estudantes de origem popular que valorizem suas trajetórias

escolares e existenciais e os saberes daí decorrentes.

Três são os eixos de ação do programa Conexões de Saberes.

• “Político institucional”, que visa a “criação de estruturas institucionais e pedagógicas para a democratização do acesso e permanência de estudantes de origem popular na universidade”;

• “Formação acadêmica”, que pretende atuar na “formação dos jovens universitários de origem popular como pesquisadores e extensionistas, visando sua intervenção na universidade e em seus territórios de origem”;

• “Interação comunidade e universidade”, com o intuito de implementar projetos de extensão, ensino e pesquisa que “promovam o encontro e a troca de saberes e

fazeres entre as comunidades populares e a universidade”.

Ações já realizadas

- Organização do livro “Caminhadas” - 25 memoriais
- Censo dos calouros 2007/Ufac
- Pré-vestibular comunitário
- Sarau universitário
- Coral
- Estudos e discussões sobre políticas públicas e ações comunitárias
- Organização de uma biblioteca comunitária
- Jornal “Conexões”
- Visitas a bibliotecas
- Participação na reunião da executiva nacional dos bolsistas
- Participação no I Encontro Regional do Programa Conexões de Saberes - Região Norte.
- Realização do seminário local.

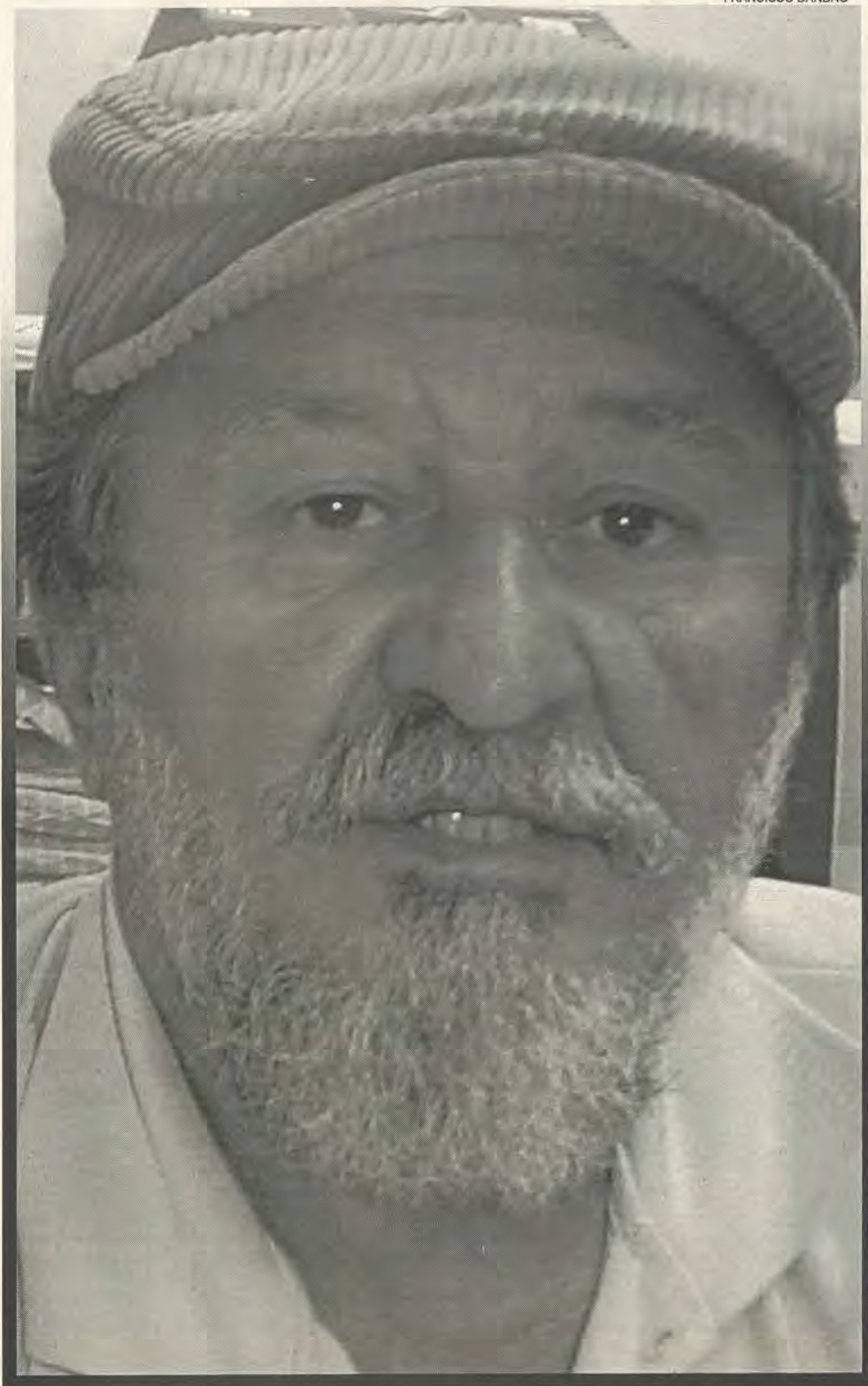


Professora Verônica Kamel, coordenadora do Conexões de Saberes

RAIMUNDO

Ex-fuzileiro naval e do Golpe Militar do Brasil precisa de um

FRANCISCO DANDÃO



FRANCISCO DANDÃO

Neste mês de abril de 2008, 44 anos depois da deflagração da Revolução Militar de 1964, o professor universitário aposentado Raimundo Lopes de Melo, mais conhecido nos círculos de amigos como Raimundo Cabeludo, mestre em Organização do Espaço Agrário pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), completou 64 anos de vida.

A coincidência de datas se confunde com as histórias tanto da Revolução Militar quanto da vida deste filho do município de Plácido de Castro, ex-presidente do Sindicato Rural de Rio Branco, ex-presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal do Acre (Adufac) e hoje proprietário de uma vasta área de terras na estrada de Sena Madureira.

A convergência dos destinos começou em 1959, quando Raimundo Cabeludo foi mandado pela família para estudar no Rio de Janeiro. Ele deveria, em princípio, estudar Medicina Veterinária. O tio Raimundo Moreira de Melo, com quem Raimundo Cabeludo passou a morar em terras cariocas, entretanto, acabou o influenciando a seguir a carreira militar.

Assim, em 1962, depois de dois anos como voluntário na Marinha, Rai-

munido Cabeludo ingressou de vez na corporação. Mais dois anos depois, no dia 1º de abril de 1964, quando a Revolução Militar explodiu nas ruas do país, lá estava o acreano no epicentro do furacão, fazendo parte da diretoria da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil.

Entidade encarregada de reivindicar os direitos dos praças subalternos, a Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, presidida pelo lendário Cabo Anselmo, foi imediatamente execrada pelos novos donos do poder. E, naturalmente, todos os seus militantes considerados subversivos. Muitos sendo presos e expulsos da corporação.

Numa época de absoluta exceção, com as liberdades individuais cassadas, a censura da mídia, o fechamento do Congresso Nacional; com militantes de esquerda torturados e assassinados; com o sangue, o medo e a opressão manchando o asfalto das ruas e o verde dos campos, pode-se imaginar no que se transformou a vida do acreano Raimundo Cabeludo.

Embora o seu processo de anistia continue inconcluso em algum escaninho da burocracia nacional, Raimundo Cabeludo se considera um sobrevivente. Feridas cicatrizadas, liberdades políticas restabelecidas, testemunha ocular e personagem (a um só tempo protagonista e vítima), ele solta a voz sem nenhum temor para contar a sua versão da história.

FOTOS/ARQUIVO PESSOAL



No seu ponto de vista, o que foi a Revolução de 1964?

Para mim, que fui militar, e tive uma participação muito grande na Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, primeiramente, nunca chamamos aquilo de revolução. O que aconteceu, no meu entendimento, foi uma grande quartelada e que já vinha sendo preparada há mais de uma década. Lamentavelmente ela se consumou no início do ano de 1964, com a derrubada do poder constituído, do governo democrático do presidente João Goulart. Essa revolução, que colocou os militares durante 20 anos no poder, representava, principalmente, o interesse dos capitalistas internacionais e de um grupo brasileiro envolvido, que era uma pequena minoria, que tinha sobre o seu controle a hegemonia dessa classe dominante. Nesse contexto, os militares entraram em ação, tomando o poder através dessa quartelada. No meu ponto de vista foi isso. Em cima disso, houve perseguições e mortes não admi-

tidas por eles. E tem mais um detalhe: a maioria dos generais que foram empossados no poder foi preparada, tanto em academias militares americanas quanto brasileiras, pra mudar qualquer estrutura progressista que pudesse incidir sobre a nossa sociedade.

Você chegou a participar diretamente em algum tipo de ação?

A importância da minha participação diz respeito ao fato de que eu era militar na época. Eu incorporei na Marinha em 1962 e fui um dos fundadores da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, entidade cujo primeiro e único presidente foi o cabo José Anselmo, um grande líder, a meu ver. Na comemoração do segundo ano de fundação da referida associação, como não era uma entidade bem vista pela cúpula das Forças Armadas, eu e os demais companheiros, inclusive um outro acreano chamado Adson de Souza Leite, natural de Tarauacá, fomos todos presos. A maio-



CABELUDO

Conta a sua versão de 1964 e diz que o na outra revolução



ria, depois de algum tempo, foi expulsa. Fomos presos no dia 31 de março e o golpe aconteceu um dia depois, em 1º de abril de 1964. A Marinha tinha um líder, que era o almirante Aragão, comandante geral do corpo de fuzileiros, muito ligado ao presidente João Goulart, de forma que todos os subalternos dele já eram considerados imediatamente suspeitos. A minha participação se deu em torno disso. No segundo semestre de 1965, me colocaram num avião para voltar para o Acre, entendendo que estavam me castigando, porque para alguns deles, assim como algumas pessoas ainda pensam até hoje, aqui era um lugar que só tinha índio, cobra e onça. Claro que era um castigo menor, mesmo na visão deles, que achavam que se eu ficasse por lá corria o risco de ser assassinado.

E sobre o cabo Anselmo, o primeiro presidente da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, em princípio figura de frente do movimento de resistência à Revolução Militar, mas posteriormente tido por alguns como traidor, quem era ele? Traidor ou herói?

O cabo José Anselmo, como todos os fuzileiros e marinheiros daquela época, tinha alguma leitura e era viajado. Além disso, ele tinha uma grande capacidade de organização e liderança, principalmente com relação aos seus subalternos. Ele era um homem risonho, uma figura extremamente carismática, alegre, transmitia felicidade. Eu tive a ventura de participar com ele de algumas reuniões, tanto na nossa associação quanto em alguns quartéis e, pra mim, ele era exatamente o que se dizia dele: que ele era, verdadeiramente, um soldado almirante. Ele tinha comando, ele tinha determinação, ele tinha tirocinio, tinha uma visão muito grande. Todas essas qualidades eram intoleráveis para os golpistas. E assim, logo após o golpe, o cabo Anselmo foi preso. O detalhe interessante, que tem passado despercebido pela história, é que nós conseguimos soltar o cabo Anselmo dando cem dólares para o delegado da cadeia onde ele estava preso. Um cidadão por nome Flávio Tavares, se não estou enganado o nome era esse, foi quem fez a cota, a qual, inclusive, eu cheguei a contribuir. Depois disso, o que eu acho, levando em conta que todo mundo precisa de dinheiro, bem como de favores, é que os militares corromperam o cabo Anselmo, da mesma maneira como corromperam o general Amaury Kruehl, que, além de comandante do II Exército e Ministro da Guerra, era amigo e compadre do presidente João Goulart. Esse general, aliás, se vendeu por 500 mil cruzeiros, na época. Os boatos do momento davam conta que o

general Amaury Kruehl teria sido comprado pelo diplomata Lincoln Gordon, que era o embaixador americano no Brasil. Dizia-se também que esse embaixador tinha capacidade para comprar todos os oficiais em posição de comando. Ora, se o embaixador tinha cacife para comprar um general, que diria um pobre coitado de um cabo, simples líder de fuzileiros e marinheiros. Penso que o Anselmo deve ter ficado encantado com algumas promessas e aí ele passou a ser traidor. Para nós, esquerdistas, naquele momento ele poderia morrer, mas jamais entregar os companheiros. E o Anselmo se vendeu para os militares de plantão e entregou os companheiros. Passou da possibilidade de se transformar em herói para a condição de reles traidor.

Como é que ficou a sua vida depois da deflagração da Revolução?

Só quem sofreu com o regime militar é que sabe as dores e os castigos que eu passei. Era uma perseguição absurda. Para se ter uma idéia, naquele tempo, só o fato de uma pessoa ser chamada de comunista era como se essa pessoa estivesse sendo chamada de filho da puta. Então, imagine-se um rapaz pobre, filho de seringueiros, o que não sofreu... Era uma espécie de pária social. Em outubro de 1965, eu fui tirado de formatura, no Rio de Janeiro, por dois sargentos e um oficial, do qual eu não lembro o nome, e me levaram para um quartel, por ironia do destino situado numa rua chamada Acre. No dia seguinte, eles me colocaram num avião da companhia Cruzeiro do Sul, rumo ao Acre, dizendo-me que se eu ficasse no Rio de Janeiro seria assassinado nos próximos dias. Ao chegar a Rio Branco, eu fui imediatamente convidado a comparecer ao quartel do Exército, para prestar esclarecimentos. O comando do Exército local já tinha todas as informações sobre a minha pessoa. As notícias que corriam aqui é que eu havia sido expulso da Marinha por subversão. Durante muito tempo eu tive que comparecer ao quartel do Exército de Rio Branco duas vezes por semana. Eu, Hélio Kury, Ariosto Pires Miguéis, João Borborema e outros. Muitos ficavam lá no quartel sem nem saber por quê. E pior do que comigo foi o que fizeram com o Adson Leite, que ficou dois anos preso na Ilha Grande e só por muita sorte resistiu a todas as surras que levou. E quando ele finalmente conseguiu vir embora para Tarauacá, um dia ainda foi recambiado para Rio Branco algemado pelo Exército. No meu caso, que muitas vezes precisei cortar lenha para arranjar algum dinheiro, correu uma história de que eu ia para o mato por ordem do Fidel Castro, para incitar uma revolta armada

camponesa. Mas não contente com tudo isso, eu ainda cometi a suprema besteira, isso já em 1968, de botar o nome do meu primeiro filho de Stalin Che Guevara. Até hoje eu sou marcado por isso. Na atualidade, a esquerda me chama de direitista, e a direita diz que eu sou o pior dos piores. Depois de tudo, o que eu gostaria mesmo de dizer é que a esquerda brasileira sempre foi "traíra". Para a esquerda brasileira, você só tem valor quando pode oferecer alguma coisa. Depois eles te descartam. Essa é a esquerda brasileira que eu conheço. Só fui melhorar mesmo quando consegui entrar para o quadro de professores da Universidade Federal do Acre, através de concurso público, embora tenha levado mais de ano para me chamarem. Mas, ainda assim, passei muitos anos sendo vigiado, mesmo como professor universitário.

Existe uma história de um suposto recrutamento seu para servir na guerrilha estabelecida no território boliviano, sob o comando de Che Guevara... Isso é verdade?

Naquele momento, no Rio de Janeiro, se aglutinava todo o tipo de mercenário. Eu, inclusive, conheci pessoas que recrutavam brasileiros, principalmente fuzileiros navais, para servir na África e no Oriente Médio, para trabalhar como mercenário, como matador. Era mais fácil recrutar fuzileiros navais, porque estes já possuíam treinamento de guerra. Eu conheci um desses recrutadores e ele chegou a me propor uma missão. Isso, depois que eu já havia sido mandado para o Acre e havia voltado para o Rio de Janeiro. Essa volta ao Rio, aliás, merece até um capítulo a parte. Eu tive que sair do Acre às carreiras, fugindo de uma ordem de prisão expedida por um secretário de justiça local, chamado Aluísio Queiroz. Isso ainda por conta das denúncias de subversão. Saí de Rio Branco de carona num caminhão até Porto Velho, onde peguei um avião. Mas, então, continuando a história, o fato é que eu estava no Rio de Janeiro quando fui abordado por esse recrutador, tentando me encaixar no esquema do Che Guevara. Esse cara me deu dinheiro para, mais uma vez, retornar ao Acre, onde, na sequência, eu deveria me juntar ao Che Guevara, na Bolívia. Tudo certo. Eu tinha até um codinome, que era "Camarada Expedido". O que atravessou a história foi que ao chegar ao Acre eu acabei arranjando uma namorada. Me apaixonei e me casei com essa namorada e não fui para a aventura da guerrilha na Bolívia. Fui relapso com o compromisso assumido. Abandonei a guerrilha pelo sexo. Mas, penso que essa namorada acabou sendo a minha boa sorte.

Depois dessas histórias todas, na sua opinião, que país é esse?

Para compreender o Brasil dos dias atuais, a gente precisa fazer um passeio pela história, desde a Segunda Guerra Mundial. O Brasil, quando entrou no contexto do conflito, simpático, em princípio, às teses nazistas, passou a ser mal visto pelos países aliados, principalmente pelos Estados Unidos. Os dirigentes brasileiros, logo no início da guerra, não eram muito afeitos à democracia americana, nem ao capital judaico e burguês internacional. Depois, por conta de uma conveniência de momento, o Brasil aderiu aos aliados e, logo em seguida à guerra, começou a se preparar para ser um grande paraíso desse capital internacional e das multinacionais. Eu acho que de 1954, quando da morte de Getúlio Vargas, a 1964, quando do golpe militar, foi o período de preparo dessa sociedade brasileira da qual nós fazemos parte hoje. Em 1955, por exemplo, já houve uma primeira tentativa de golpe, por iniciativa da Aeronáutica, o Golpe de Aragarças. Só que não vingou. Mas, dali, os militares foram cada vez mais se preparando. Com os militares se preparava também a burguesia brasileira. A grande onda de violência que nós temos no Brasil de hoje, fartamente divulgada pela mídia, se dá por conta dessa herança maldita deixada por sucessivos governantes venais, que ao longo desse tempo estiveram a serviço desse capitalismo selvagem internacional. É por conta disso que nós não temos hoje educação de qualidade, saúde digna e moradia para os mais pobres, essas mazelas todas. É por conta disso, também, que a renda está concentrada nas mãos de cinco a dez por cento da população brasileira. O Brasil vive uma guerra civil. Mais pessoas são assassinadas por ano aqui no Brasil do que em muitos países que, efetivamente, estão passando por conflitos armados. É esse o retrato do país em que nós vivemos hoje.

Levando em conta esse quadro caótico que você pintou, é possível ainda alguma utopia para a nação brasileira?

Com uma população de aproximadamente duzentos milhões de habitantes, um país continente, com um caldeamento étnico de tudo que é raça que se pode imaginar, eu penso que nós precisamos de uma grande revolução cultural. Se isso não der jeito, aí só mesmo uma revolução de fato e de direito. O certo é que eu acho que o Brasil precisa, praticamente, ser outra vez reconstituído. As mazelas que nós carregamos são extremamente graves e complicadas. Só mesmo uma reconstituição geral para dar um jeito nisso aqui!



Quando a universidade dança

Amostra de Dança da Universidade Federal do Acre chega à 19ª edição em agosto deste ano

Em agosto deste ano de 2008, a Amostra de Dança da Universidade Federal do Acre (Ufac), idealizada pela professora Norma Sueli Tinoco Lima, realiza, com exibições no Anfiteatro Garibaldi Brasil e na Concha Acústica Jorge Nazaré, a sua 19ª edição, com a participação de todos os acadêmicos do 1º período de Educação Física da citada instituição.

Já na primeira amostra de dança, que aconteceu em agosto de 1991, uma prévia do que seria o evento nos anos seguintes, com todos os lugares do anfiteatro completamente tomados por uma platéia ávida para ver em ação os seus familiares e conhecidos. De lá para cá o interesse das pessoas só cresceu,

tornando a atividade obrigatória no calendário da Ufac.

Fruto desse interesse, a amostra foi levada, sucessivamente, para os municípios de Senador Guiomard, Sena Madureira, Xapuri, Brasília, Cruzeiro do Sul, Feijó e Tarauacá, com os universitários dos cursos de interiorização daquelas cidades. Em todos esses lugares, diz a professora Norma Tinoco, “a mesma emoção e a mesma participação”.

De acordo com a professora Norma Tinoco, “a amostra de dança têm um significado todo especial, pois é a oportunidade dos universitários de Educação Física, tanto da capital quanto do interior, desenvolverem e apresentarem um trabalho que serve como ponto de partida para, eventualmente, uma dedicação especial a este tipo de atividade”.

“Através da dança a gente tem a possibilidade de conhecer outras culturas. Quando os acadêmicos estão ensaiando as suas coreografias, nós os orientamos a procurarem as origens de cada uma dessas danças. Dessa forma, no decorrer das pesquisas, eles aprendem muito sobre a vida e o comportamento das mais variadas nações”, explica a professora Norma.

E para fechar a matéria, a professora Norma Tinoco exigiu que ficasse explícito o fato de que “a dança está presente em tudo, simbolizando alegria, tristeza, vida e morte, para celebrar o amor, para a guerra e para a paz... Ultrapassa todas as teorizações... E até quando quer reverenciar os deuses, o homem se expressa através dela. A dança é tudo”.



Estudantes dão show de ritmo no Anfiteatro Garibaldi Brasil



CEDIDA

Monografia analisa aquecimento global

• Raimundo Lima de Figueiredo, técnico-administrativo da Universidade Federal do Acre (Ufac), é o mais novo bacharel em Geografia formado pela Instituição. Para obter o grau, ele apresentou, no dia 31 de março deste ano, a monografia Desmatamento e Queimadas na Amazônia e suas Consequências para o Aquecimento Global.

Raimundo Figueiredo desenvolveu o seu trabalho em três capítulos, além de uma introdução e uma conclusão. No primeiro, abordou generalidades sobre a região amazônica, percorrendo mais especificamente sobre a questão do “desmatamento”. No segundo debruçou-se na questão das “queimadas”. E no terceiro, falou sobre o “aquecimento global”.

Entre as constatações do



FRANCISCO DANDÃO

Geógrafo Raimundo Lima de Figueiredo

agora geógrafo Raimundo Lima de Figueiredo, a de que “se a dem anda proporcional do desmatamento, queimadas e emissão de gases para a atmosfera pelo consumo das florestas continuarem nas escalas atuais é possível

que nos próximos setenta anos a Amazônia tenha dois terços da sua cobertura vegetal devastada”.

“É necessário que os diversos governos internacionais, o governo federal brasileiro, bem como os governos estaduais e municipais implementem urgentemente políticas de retenção e combate aos desmatamentos e queimadas na Amazônia, objetivando contribuir para evitar o efeito estufa e o aquecimento global”, conclui Figueiredo.

Aprovada por uma banca composta pelos professores Adailton de Sousa Galvão (orientador), Domingos José de Almeida Neto e Raimundo Muniz Penha, a monografia pode ser encontrada em sua versão integral na Biblioteca Central da Ufac e na Coordenação do curso de Geografia.

Novo tempo no CAp

O Colégio de Aplicação foi completamente reestruturado, numa reforma que durou quatro meses

MARCELA JANSEN

Considerado um dos mais importantes estabelecimentos educacionais do Estado, o Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Acre (Ufac), após passar por uma reforma em seu espaço físico, retomou suas atividades educacionais no último dia 2 de abril. O retorno às aulas foi marcado por uma solenidade que contou com a presença do reitor Jonas Filho, funcionários do colégio, pais e alunos.

O CAp foi completamente reestruturado, numa reforma que durou quatro meses. As características originais, no entanto, foram preservadas. Revitalizado, o estabelecimento conta agora com 14 salas de aula, almoxarifado, biblioteca, laboratório de informática, sala multicultural, sala para o grêmio estudantil, lanchonete, quadra esportiva coberta, entre vários outros espaços e equipamentos.

Durante a solenidade que marcou o início do ano letivo, o diretor do CAp, Orlandine Rodrigues, disse que estava muito feliz com a conclusão da obra, o que possibilitará um trabalho melhor pela educação fundamental.

O Colégio de Aplicação tem se empenhado o máximo para oferecer qualidade no ensino e servir de exemplo para outras escolas dentro e fora do Estado.

"Este é apenas o começo de um novo tempo para o Colégio de Aplicação. Durante esses 27 anos existência essa escola já conquistou muitas vitórias. Começamos com dificuldades, mas conseguimos superá-las dia após dia. A conclusão das obras marca a superação de mais uma barreira".

Segundo o diretor, a educa-



Solenidade de abertura do Colégio de Aplicação contou com a participação de estudantes, pais e professores

ção do Acre já mudou muito, e o CAp tem contribuído para essa mudança. "A educação no nosso Estado deixou as últimas colocações no ranking nacional para ocupar bons lugares e merecer premiações. O Colégio de Aplicação tem se empenhado o máximo para oferecer qualidade no ensino e servir de exemplo para outras escolas dentro e fora do Estado", declarou.

O Colégio de Aplicação possui atualmente mais de 40 professores em seu corpo docente, com cerca de 60 funcionários no total. Esse grupo cuida de mais de 500 alunos da primeira série do Ensino Fundamental até o úl-

timo ano do Ensino Médio, nos turnos da manhã e da tarde.

Procedimentos de Implantação - Tudo começou quando a Ufac, preocupada com a qualidade educacional da comunidade, na faixa do pré-escolar ao 2º grau, propôs a criação de uma escola que pudesse se constituir em laboratório de ensino-aprendizagem.

Em princípio, criou-se uma Comissão responsável por elaborar o Anteprojeto de Criação do Colégio Aplicação, cuja finalidade era a integração do ensino de terceiro grau com a educação pré-escolar e o ensino de

primeiro e segundo graus.

Além do anteprojeto, a comissão elaborou o Regimento Interno do CAp, cujo objetivo era pautado em regulamentar a organização administrativa, didática e disciplinar da instituição de ensino, enfocando os pontos imprescindíveis a quaisquer unidades de pré-escolar e de 1º e 2º graus, apresentando, como ponto inovador, a vinculação do Colégio Aplicação à Reitoria, a forma de designação do diretor e vice-diretor e a forma de admissão do aluno através de inscrição e sorteio, com o preenchimento de vagas por bairros ou zonas, com a perspectiva de selecionar uma amostra heterogênea e real das diferentes camadas sociais.

Feitas as devidas apreciações e análise do processo, após os trâmites legais, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, aprovou a criação do colégio através da resolução n.º 01, de 10 de dezembro de 1981. Depois, por meio da Resolução n.º 22, de 11 de dezembro de 1981, o Conselho Universitário autorizou a implantação da escola, aprovando também o seu Regimento Interno.

No ano de 1982 o colégio iniciou suas atividades com a implantação do pré-escolar e 1ª série do 1º grau, sendo as demais séries implantadas nos anos subsequentes. Após dois anos de funcionamento, a Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus do Ministério da Educação e Cultura autorizou o funcionamento do curso de 1º grau, com sua respectiva estrutura curricular.

A Ufac e a floresta acreana



*ECIO RODRIGUES

- Há quase 20 anos o Acre começaria a dar uma contribuição deci-

siva para a definição de uma política florestal genuinamente amazônica. Com esforço de um leque variado de instituições, saíram daqui três propostas revolucionárias para compreender e oferecer soluções ao complexo processo de ocupação social e econômica da região.

A primeira procurou demonstrar que existia um tipo de reforma agrária diferente da que o Estatuto da Terra e o Plano Nacional de Reforma Agrária preconizavam. Que era possível fazer assenta-

mentos humanos, em áreas cobertas por florestas, sem precisar trazer os "paulistas", vez que os assentados haviam sido trazidos na época dos ciclos da borracha, ainda no início do século XX.

Os acreanos chamaram essa reforma de Reserva Extrativista.

A segunda proposta tratou de definir o escopo tecnológico para que as Reservas Extrativistas, que havíamos inventado e que agora se espalhara por toda a Amazônia, pelo Brasil e pelo mundo, conseguissem superar o binômio produtivo: borracha e castanha-do-Brasil. Com os dois mercados em crise profunda, sobretudo o de elastômeros, o extrativista seria levado de maneira inexorável à opção pelos plantios e pela criação de gado.

Após estudos e levantamentos

definiu-se a tecnologia apropriada para que um conjunto de alternativas, que envolviam a produção de açaí, borracha, paca, queixada, orquídeas, fitoterápicos e assim por diante, incluindo os serviços ambientais de qualidade e quantidade de ar e água, pudessem ser ofertados segundo um cronograma e uma demanda por trabalho coerentes com a realidade das colocações do seringueiro.

Os acreanos chamaram essa tecnologia de Manejo Florestal de Uso Múltiplo.

Mas faltava ainda incluir a madeira na cesta de produtos do uso múltiplo. Todavia a entrada da madeira exigiria a concepção da terceira e igualmente revolucionária proposta tecnológica. O desafio era definir um conjunto de protocolos de manejo florestal madeireiro para

as Reservas Extrativistas (que são Unidades de Conservação e por isso sujeitas a regime especial de exploração) e, o mais complicado, que não prejudicasse a oferta dos outros produtos e serviços florestais com os quais a colocação estaria comprometida, segundo a tecnologia do uso múltiplo.

Os acreanos chamaram essa tecnologia de Manejo Comunitário.

A Ufac, por meio do novo Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, CCBN, pretende contribuir para que essa revolução continue e alguns importantes e atuais passos mereçam destaque. Assumindo que o manejo florestal é prioridade foi possível concretizar a parceria com a Funtac e a Embrapa, que aprovou projeto estruturante na Finep, para

equipar laboratórios e construir o prédio sede da Ciência Florestal na Ufac. Também, por meio de uma ampla parceria, foi possível aprovar, junto ao CNPq, projeto de extensão florestal e inovação tecnológica para que os florestais da Ufac possam atuar para solucionar os empecilhos no manejo florestal comunitário do cacau nativo da várzea do Rio Purus.

Finalmente, o acordo firmado com a Universidade de Freiburg da Alemanha, trará para a Ufac a experiência dos 540 anos de experiência que os florestais alemães tem em manejo florestal no mundo. Não há dúvida de que os resultados aparecerão. A esperar para ver.

* Professor Adjunto, doutor em Desenvolvimento Sustentável, vice-diretor do CCBN/Ufac.



Fronteiras Contaminadas

Literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970

FRANCISCO DANDÃO

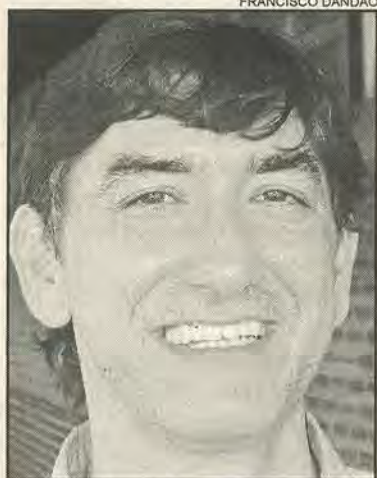
FRANCISCO DANDÃO

Lançado no segundo semestre de 2007, o quarto livro do acreano Rildo Cosson, *Fronteiras Contaminadas - Literatura como Jornalismo e Jornalismo como Literatura no Brasil dos Anos 1970* (Editora da Universidade de Brasília - UnB) já virou obra de referência para estudantes de Letras e de Comunicação Social das universidades brasileiras.

O livro trata das relações entre literatura e jornalismo no Brasil, tendo como ponto central o caso paradigmático do gênero romance-reportagem e sua recepção crítica. Especificamente, são analisadas as indicações de origem, as definições de estatuto narrativo e as estratégias para ler o novo gênero, que encerra o discurso literário e o jornalístico.

De acordo com Rildo Cosson, "o livro permite que se leia com outros olhos a produção cultural de um dos períodos mais ricos da história contemporânea do Brasil, que é a década de 1970, ao mesmo tempo que desvela práticas de leitura de uma crítica que continua a excluir e a negar aquilo que é diverso e que não é facilmente classificável".

Três grandes linhas de leituras - Em busca de referências ao romance-reportagem, Rildo Cosson percorreu desde os textos dos jornais e das revistas semanais até os textos acadêmicos publicados no Brasil e no exterior. O resultado materializou-se sob a forma de três linhas de leitura do gênero, segundo sua



Rildo Cosson, doutor em Literatura Comparada

localização literária, jornalística e estrangeira.

No primeiro caso, o romance-reportagem é considerado parte do naturalismo. No segundo momento, o romance-reportagem é resultado dos efeitos da censura e da repressão imposta pela ditadura militar vigente no país. E no terceiro caso, ele é consequência da influência da literatura norte-americana sobre a brasileira e exemplo de

dependência cultural.

"Após analisarmos os limites de tais localizações", diz o professor-escritor Rildo Cosson, "realizamos uma leitura comparativa entre Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia, de José Louzeiro, e *In Cold Blood*, de Truman Capote, procurando desvelar na tessitura desses textos como são constituídas suas relações de identidade e diferença".

Quem é o autor - Rildo Cosson é professor e pesquisador nas áreas de leitura, literatura comparada e jornalismo. Fez mestrado em Literatura Comparada, com concentração em Teoria Literária, na Universidade de Brasília (1989), e doutorado em Letras, com concentração em Literatura Comparada, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998).

Rildo foi professor de Literatura dos cursos de graduação em Letras da Universidade Federal do Acre e da Universidade Federal de Pelotas, bem como professor da área de Linguagem na Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, coordena o Programa de Pós-Graduação do Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados, em Brasília.

Além de *Fronteiras Contaminadas*, Rildo tem publicado os seguintes títulos: *Letramento Literário - Teoria e Prática* (2006); *Literatura Factual* (2002); e *Romance Reportagem - O Gênero* (2001). Fora isso, anualmente publica vários artigos científicos e participa de congressos nacionais e internacionais sobre jornalismo cultural e fronteiras discursivas.



Livros e Idéias

FRANCISCO DANDÃO

LOPES, Margarete Edul Prado de Souza.
Motivos de Mulher na Amazônia - Produção de Escritoras Acreanas no Século XX. Rio Branco : Eufac, 2006.



O livro *Motivos de Mulher na Amazônia - Produção de Escritoras Acreanas no Século XX* é parte da tese de doutoramento da professora Margarete Edul Prado de Souza Lopes, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac), defendida em 2005, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação da doutora Ivã Alves.

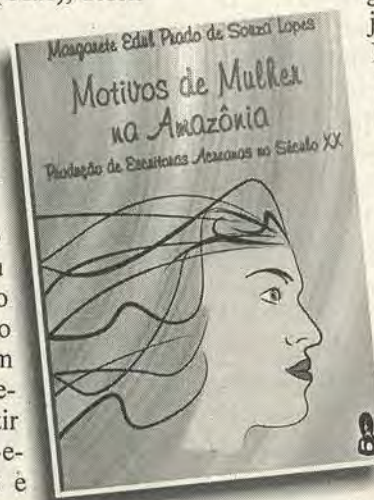
A construção do livro resultou de um minucioso e árduo trabalho de pesquisa, com a autora conseguindo reproduzir fielmente o vai-e-vem de assuntos e motivos, bem como os obstáculos do percurso de vida das escritoras, seus interesses e metas, suas resistências, bem como suas trilhas, no mais das vezes (ou quase sempre) extremamente tortuosas.

Nomes como Fátima Almeida, Francis Mary, Robélia Fernandes, Leila Jalul, Florentina

Esteves, Íris Célia Cabanellas Zannini, Terezinha Miguéis, Núria Guerreiro, Jacira Abdon, Ana Cláudia Fidélis, Laélia Rodrigues, Marta Araújo Mota, Neiva Nara Lins, Cleusa Rancy, Maria José Bezerra e Olin da Assmar estão todos na obra de Margarete Prado.

De acordo com Jones Dari Göettert, um dos professores que apresentam o livro, um conjunto de pontos extremamente importantes marca a obra da professora Margarete Prado. Quais sejam, por exemplo, "o resgate e a catalogação da produção literária feminina no Acre; além do rompimento da proeminência do homem na produção literária acreana".

À venda em todas as livrarias de Rio Branco.



FONTES, José Augusto. *Páginas da Amazônia - Proseando na Floresta.* São Paulo : K2, 2007.



Depois de anos publicando crônicas nos jornais de Rio Branco, José Augusto Fontes resolveu reunir parte da produção em um livro. O resultado foi este *Páginas da Amazônia - Proseando na Floresta*, uma obra que retrata fielmente a paixão do autor pelas coisas da região e, especificamente, por fatos e personagens de Rio Branco, sua cidade natal.

Páginas da própria vida do autor, além de retalhos de recordações sobre lugares são os principais elementos motivadores das crônicas de José Augusto Fontes. Tudo escrito com tanta leveza e sensibilidade que até pessoas que jamais saíram de um grande centro urbano conseguem enxergar do que é

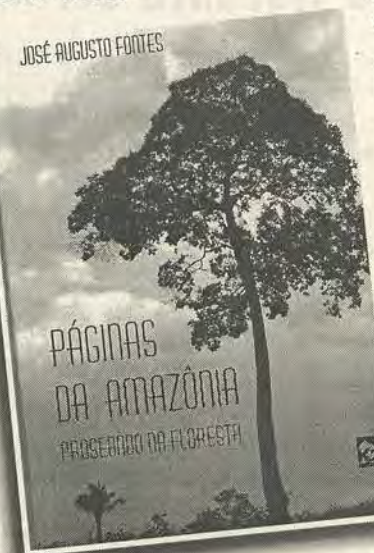
feita a realidade deste pedaço da Amazônia.

"Nas descrições que faz de sua Amazônia", diz o editor Ryoki Inoue, em nota na primeira página do livro, "José Augusto não se limita a contar fisicamente o que vê, ainda que esteja enxergando através da imaginação e da memória. Ele põe no papel, com rara maestria, a descrição acrescida do que sente, mostra o local e diz o que ele produz no seu coração".

Cada uma das sentenças do escritor José Augusto Fontes é uma imagem que fica excitando a imaginação de quem o lê, como um cheiro bom de flores que só vicejam na primavera, ou como

um orgasmo prolongado que traz na fugacidade do momento um gosto de nova e eterna vida. Cada sentença é única... E ecoa no nada para todos os lados.

À venda em todas as livrarias de Rio Branco.



As vozes sociais dos jornais

Dissertação analisa panorama da imprensa riobranquense no contexto da ditadura militar

FRANCISCO DANDÃO

Criado no ano de 2006, o curso de mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac) produziu oito dissertações até o primeiro trimestre deste ano. Uma das mais recentes dessas dissertações, com o título **O Discurso nas Redes do Poder - As Vozes Sociais nos Editoriais dos Jornais O Rio Branco e Varadouro (1977-1981)**, foi defendida no dia 20 de março pela acadêmica Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio, sob a orientação da professora Olinda Assmar.

O trabalho da agora mestra Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio é composto por uma visão panorâmica da imprensa escrita riobranquense no contexto da ditadura militar, pela discussão das estratégias discursivas presentes nos editoriais, bem como pela configuração das vozes sociais dos jornais referidos no título. O eixo central são as citadas vozes sociais, cuja abordagem foi delineada pela observação dos grupos temáticos recorrentes nos textos estudados.

Duas preocupações nortearam a pesquisa, de acordo com Maria Iracilda Bonifácio: "os silenciamentos e as resistências dos sujeitos envolvidos na luta



Iracilda Bonifácio discutiu estratégias discursivas em antigos jornais acreanos

pela posse da terra, no caso os seringueiros, os posseiros, os índios e os chamados 'paulistas'; e a tentativa de percepção da posição dos jornais Varadouro e O Rio Branco frente aos movimentos sociais urbanos, e como a mídia escrita acreana construiu as representações da luta pela sobrevivência na periferia de Rio Branco".

Discurso manifesto e discurso silenciado - Entre as conclusões de Maria Iracilda Bonifácio, após meses de exaustivas análises dos editoriais dos jornais O Rio Branco e Varadouro, a de que a formação discursiva do primeiro era marcada pelo silenciamento no que diz respeito às questões sociais, enquanto

que o segundo optava pela resistência ao regime imposto pelos militares, dando voz aos sujeitos excluídos.

"Por adotar um discurso que focalizava como protagonistas os vários sujeitos sociais geralmente excluídos da 'ordem do discurso', Varadouro foi alvo de constantes ataques por parte dos líderes políticos da época, que não admitiam contestações ao regime militar. Já o discurso do jornal O Rio Branco, embora também seja marcado em algumas ocasiões por estratégias de resistência, manifestou a predominância da violência, imposta de forma simbólica, para silenciar os que discordavam da palavra única dos militares", explica Iracilda Bonifácio.

Para fechar o trabalho, Iracilda trata de deixar bem claro que no emaranhado das redes de poder que se entrecruzam no discurso jornalístico não existem intenções ingênuas. "As vozes que emergem das páginas amareladas pelo tempo, mesmo que muitas vezes apresentadas como ruídos silenciados, gritam, trazendo um turbilhão de perguntas, indagações e questionamentos. Então, dentro das interrogações que se sobrepõem às conclusões do meu trabalho, caberia ainda indagar, numa pesquisa futura, uma vez que o tema continua aberto, que interesses estariam por trás dos discursos tão divergentes dos dois jornais analisados", diz a pesquisadora.

Todas as dissertações

As oito dissertações produzidas pelo mestrado em Letras da Universidade Federal do Acre (Ufac) são as seguintes.

. **Uma índia nauá na fronteira de sua construção identitária** - Iza Reis Gomes;

. **Microfísicas do imperialismo - A Amazônia da década de 80 em relatos de viagem** - Eliomar Rodrigues da Rocha;

. **Teatro das cores - Verde vagomundo e as novas propostas estéticas do romance amazônico** - Adriana Delgado Santelli;

. **Identidades híbridas - O lugar das personagens ficcionais amazônicas em Coronel de Barranco** - Francielle Maria Modesto Mendes;

. **Memórias de velhos no terceiro eixo ocupacional** - Reginâmio Bonifácio de Lima.

. **O discurso nas redes do poder - As vozes sociais nos editoriais dos jornais O Rio Branco e Varadouro (1977-1981)** - Maria Iracilda Gomes Cavalcante;

. **Leitura na 4ª série - discursos, práticas e contribuições para o letramento** - Tatiane Castro dos Santos;

. **Marcas da memória cultural nas crônicas jornalísticas de Xapuri** - Maria Alzenir Alves Rabelo Mendes.

Forjando heróis: o passado "glorioso" reinventado

Os editoriais dos jornais O Rio Branco e Varadouro influenciaram diretamente na construção de traços da memória riobranquense. Dentre as contribuições que esses textos for-

necem para a configuração do imaginário da sociedade acreana, a mitificação de heróis representa uma característica que perpassa toda a história da imprensa local, buscando, em di-

ferentes épocas, criar uma unidade e definir uma identidade para o povo acreano. No período da Ditadura Militar, o uso dessa estratégia figura como uma forma de reatualizar fa-

tos passados, conferindo-lhes novos significados.

As noções de "acontecimento discursivo" e "arquivo", trabalhos por Michel Foucault (2004), constituem os princípios que nos instrumentalizam para abordar o retorno da mitificação dos heróis como estratégias discursivas dos dois jornais estudados. Para analisar os efeitos de reinvenção do passado glorioso, em que heróis são forjados para produzir a ilusão de unidade da sociedade acreana e brasileira, partimos da ideia de que esse imaginário é evocado sempre que os grupos dominantes precisam exercer o poder através da unificação dos anseios e vontades do povo. Atra-

vés desse recurso de unificação do imaginário social, opressor e oprimido parecem compartilhar os mesmos ideais.

Nossa sociedade dispõe, ainda que de forma fragmentária, de um arquivo sobre o que é ser acreano. Esse arquivo é formado por aquilo que a nossa sociedade pode dizer de si mesma. Dentre as características que compõem o quadro do que é "ser acreano", a imagem dos heróis figura como a representação de um povo aguerrido, valoroso e bravo, que foi capaz de conquistar com sangue o direito de ser brasileiro. (Trecho da dissertação **O Discurso nas Redes do Poder**).



Banca examinadora composta pelos professores Milton Chamarelli, Rildo Cosson e Olinda Assmar

"Nossa sociedade dispõe, ainda que de forma fragmentária, de um arquivo sobre o que é ser acreano. Esse arquivo é formado por aquilo que a nossa sociedade pode dizer de si mesma"

Desenvolvimento regional

O primeiro modelo de plano de manejo sustentável desenvolvido no Brasil, utilizando o que existe de mais moderno em tecnologia e agregando todas as áreas do conhecimento florestal foi objeto de estudo do segundo mestre em Desenvolvimento Regional formado pela Universidade Federal do Acre, jornalista Evaldo Pereira Ribeiro, que teve sua dissertação aprovada no dia 27 de fevereiro.

A banca examinadora que avaliou a dissertação foi formada pelo professor Dr. Adailton de Sousa Galvão, presidente e orientador do mestrando, pelo professor Doutor Carlos Alberto Franco da Silva, representante do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional e o professor Ph. D. Marcus Vinício Neves d'Oliveira, representante do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais.

Com o tema "Gestão de Impacto Ambiental com Plano de Manejo Florestal Sustentável Empresarial: Estudo do Modelo Digital de Exploração Florestal" a dissertação avaliou os resultados do Modelflora, como é conhecido este modelo que está sendo testado no Acre. A conclusão que o jornalista chegou em sua dissertação é que através do Modelflora é possível diminuir para 14,85% o impacto total sobre a cobertura vegetal na área onde o plano de manejo está sendo realizado, contra os 22,20% dos planos de manejo que são executados em áreas de exploração madeireira.

O Modelo estudado foi elaborado por pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias do Acre (Em-



Evaldo Ribeiro realizou pesquisa sobre modelo digital de exploração florestal

brapa-AC) e do Paraná (Embrapa Floresta), em parceria com o Instituto de Meio Ambiente do Acre (Imac). Na dissertação, no Capítulo 3 – Estudo do Modelo de Exploração Florestal, o jornalista faz uma análise do modelo que tem como objetivos reduzir os custos de elaboração e execução de Planos de Manejo Florestal e aumentar a eficácia do processo de licenciamento e monitoramento.

Além disso, segundo Evaldo Ribeiro, através deste modelo é possível elevar a precisão das informações geoambientais do manejo florestal, promovendo o manejo florestal de impacto reduzido e informatizar e rastrear as operações de campo (do inventário à exploração).

A pesquisa do jornalista foi realizada na Fazenda São Paulo, localizada rodovia AC 10, km 49, sentido Rio Branco-Porto Acre, no município de Porto Acre, onde o modelo foi experimentado. A execução deste modelo no Estado só foi

possível graças ao apoio do empresário Luiz Antônio Calegari, proprietário da Madeireira São Lucas Ltda, detentora do Plano de Manejo Florestal Sustentável - Empresarial (PMSF-E) daquela fazenda.

O empresário acreditou e investiu recursos na aquisição de equipamentos de última geração para a implantação do modelo. Estes investimentos foram necessários, uma vez que o Modelflora emprega, de forma integrada, todos os recursos modernos disponíveis, dentre os quais, Sistema Global de Navegação por Satélite, Sistema de Informação Geográfica, barômetros, radar SRTM (Missão Topográfica Radar Shuttle) e imagens re-amostradas de alta resolução.

A área total do Plano de Manejo da Fazenda São Paulo é de 518,5605 hectares, com meta de explorar entre 60 a 70% do potencial madeireiro de valor econômico, num ciclo de 25 anos. A primeira intervenção florestal foi feita em 2007.

Estudo mostra procedimentos para a implantação do Modelflora

O Modelo Digital de Exploração Florestal vem sendo desenvolvido há 10 anos por pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) do Acre e do Paraná. Há dois anos o pesquisador da Embrapa-AC, Evandro Orfanó Figueiredo, responsável pela execução do Modelflora na Fazenda São Paulo, passou a fazer parte da equipe.

Evandro Orfanó Figueiredo é engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal do Acre (Ufac), com mestrado em Florestas de Produção pela Universidade Federal de Lavras (MG). Segundo o jornalista Evaldo Ribeiro, o pesquisador foi fundamental para a realização da pesquisa, fornecendo dados do Plano de Manejo da Fazenda São Paulo e acompanhando o trabalho de campo na área da fazenda.

Durante seis meses, o pesquisador da Embrapa-AC, acompanhou o trabalho explicando os procedimentos adotados para a implantação do Modelflora, que são divididos em três fases: planejamento prévio, levantamento de campo e trabalho de campo. Estes procedimentos, de acordo com as informações repassadas pelo engenheiro Evandro Figueiredo ao jornalista Evaldo Ribeiro, foram executados na elaboração do Plano de Manejo Florestal Sustentável da Fazenda São Paulo, cujos resultados até agora alcançados, segundo o pesquisador, foram positivos.

Na fase do planejamento prévio é realizado o diagnóstico da hidrografia, com identificação dos rios, igarapés, nascentes e regiões alagadas utilizando imagens do radar SRTM. Em seguida é feito o diagnóstico dos destaques topográficos onde são destacadas as situações críticas, como regiões colinosas, rampas de longo comprimento e locais de forte acentuação ou declive. Com este procedimento, as regiões mapeadas são transferidas para o GPS.

A segunda fase é o levantamento de campo, com o levantamento das árvores em campo, onde é repassada para o GPS a posição de todas as picadas, com os respectivos pontos de partida e chegada. Posteriormente, as árvores são inventariadas por meio da identificação, mensuração e coletadas das coordenadas geográficas com o GPS.

A última fase é o trabalho de escritório, com a plotagem das árvores e processamento dos dados. Concluído os trabalhos

de inventário florestal e a plotagem das árvores a confecção do primeiro mapa é uma tarefa realizada em poucos minutos, pois a associação do sistema GNSS e softwares de geoprocessamento fazem com que não haja necessidade de desenhar mapas e recalcular falsas coordenadas.

Nesta fase é realizada a modelagem digital do terreno, com a reconstituição em 2D ou 3D da formação topográfica local. Com essa técnica é possível realizar um planejamento mais adequado das estradas florestais, pátios e trilhas, priorizando a redução de impactos ambientais, otimização de fatores econômicos e da segurança no trabalho.

Outro passo dentro desta fase é o inventário de copa, que é um aperfeiçoamento do levantamento 100%, cuja finalidade é complementar as informações de campo, por meio do georreferenciamento das copas das árvores dominantes e co-dominantes de espécies que não compõem a relação de espécies a serem inventariadas. A vantagem desse procedimento é conhecer onde exatamente encontram-se estas árvores de grande porte e evitar previamente a locação de pátios e estradas, reduzindo desta maneira os impactos da exploração florestal.

O penúltimo passo é a construção do Mapa de Exploração Florestal, onde são planejadas as obras de campo com o planejamento da locação da estrada primária ou principal, seleção dos melhores pontos para a construção de pontes, cálculo da distância ótima entre estradas secundárias, planejamento da locação das estradas secundárias, planejamento para a construção de pátios de estocagem, planejamento das trilhas de arraste das árvores exploráveis, indicação dos pontos críticos para estradas e pátios é indicação de pontos críticos de risco ambiental, com possibilidade de danos à Área de Proteção Primária (APP).

No último passo é realizado o repasse do planejamento florestal para a equipe de execução do Plano de Manejo Florestal Sustentável. Todos os equipamentos de campo são configurados e é realizada a transferência do Projeto Executivo para os receptores GPS e Navegadores, ocorrendo, posteriormente, a avaliação do Projeto Executivo pela Equipe de Campo.



Evandro Orfanó (esquerda), agrônomo da Embrapa, orienta trabalho de campo em manejo florestal